

CURRÍCULO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE O ENSINO MÉDIO

Dyellem Silva da Costa¹
Dhessy de F. C. dos Santos²
Josiane Pereira Vasconcelos³

Resumo: O currículo é alvo de muitos estudos pelos profissionais da educação, pois ele é de suma importância nessa esfera, e sem uma compreensão do mesmo as mudanças terão pouco sentido e quase nenhuma razão de ser. A finalidade dessa investigação é discutir que o currículo não é um elemento neutro, isolado e sim um elemento que tem história no sistema educacional e que por isso precisa ser estudado e compreendido, principalmente no Brasil, onde apresenta ainda uma política de ensino tradicional. É dessa forma, que projetos pedagógicos junto a uma reformulação do currículo dentro da escola devem ser objetos de ampla discussão e estudo; pois, trabalha-se com o saber fazer do aluno, estimulando-o a pesquisar, a relacionar e a aplicar saberes a partir de situações do cotidiano, realizando no interior de cada escola uma ação conjunta com alunos, professores e família em prol de uma sociedade mais digna e democrática. O método utilizado nesse artigo foi o bibliográfico, comentando a teoria tradicional que está relacionada ao currículo e as práticas pedagógicas das escolas.

Palavras-chaves: Currículo, Escola, Ensino Médio.

Introdução

O presente trabalho irá explicitar alguns resultados obtidos de uma investigação acerca da nova formulação curricular para o Ensino Médio. A abordagem tem como objetivo mostrar que o currículo não é um elemento neutro, isolado e sim um elemento que tem história no sistema educacional e que por isso precisa ser estudado e compreendido, principalmente no Brasil, onde apresenta ainda uma política de ensino tradicional.

É dessa forma, que projetos pedagógicos junto a uma reformulação do currículo dentro da escola devem ser objetos de ampla discussão e estudo; pois, trabalha-se com o saber fazer do aluno, estimulando-o a pesquisar, a relacionar e a aplicar saberes a partir de situações do cotidiano, realizando no interior de cada escola uma ação conjunta com alunos, professores e família em prol de uma sociedade mais digna e democrática.

¹ Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará. Bolsista do Projeto Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e membro do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: dyellemcosta@hotmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba de Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e membro do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: dhessy.26@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba de Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) e membro do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: josianevasconcelos6@yahoo.com.br

O método dessa pesquisa foi exploratório e bibliográfico utilizando vários autores que tratam dessa questão. O presente artigo fala também das teorias tradicionais que tem predominado durante vários anos no currículo e na prática pedagógica das escolas levando a um ensino que ocorre de uma forma acrítica, não criativa e mecanizada.

Teorias tradicionais: um pequeno histórico

Um dos autores de grande importância do século XIX e XX é Ralph Tyler, autor da obra: *Princípios básicos de Currículo e Ensino*, a qual se divulgou por todo mundo em inúmeras edições. O autor discute quatro questões que põem em foco os objetivos curriculares, as experiências de aprendizagem e a avaliação buscando efetuar uma síntese entre princípios progressivistas, tecnicistas e behavioristas. Além de Tyler, há o texto clássico de Hilda Taba *Elaboración del Currículo*, no qual a autora deixa claro o seu propósito de estudar as fontes que dão subsídio ao processo de elaboração do currículo, bem como as etapas e os procedimentos possíveis de serem seguidos para a formulação de um currículo mais conscientemente planejado e dinamicamente concebido. Hilda Taba argumenta que o bom cumprimento dessa complexa tarefa ao mesmo tempo é necessário para que a escola atue como força conservadora a serviço da democracia e também como força inovadora a favor da redescoberta da democracia em meio que é, em grande parte, antidemocrático (MOREIRA, 2001).

Tyler e Taba nas décadas de 60 e 70 ilustram o primeiro dos tipos de relações entre pesquisa e mudança no mundo social. Fortemente pautada no positivismo, a pesquisa descreve o mundo partindo do pressuposto de que tais descrições podem ser empregadas em um planejamento voltado para promover o progresso e o aperfeiçoamento social. Tanto Tyler quanto Taba, ao oferecerem aos docentes prescrições e etapas, visando a estimulação a bem planejar, secundarizam a complexidade do processo curricular (reduzido a passos a serem seguidos) e da realidade em que ele se desenvolve, assim como negligenciam a importância da crítica a essa realidade de alternativas para poder transformá-las. A consequência é a desvalorização da capacidade de crítica e de autonomia do leitor, sendo reforçada a autoridade do pesquisador e de seu discurso neutro e dogmático (MOREIRA, 2001).

A teoria tradicional procura ser neutra, tendo como principal foco identificar os objetivos da educação escolarizada, para formar o trabalhador especializado ou proporcionar uma educação geral, acadêmica, à população (HORNBERG e SILVA, 2007).

Essa teoria teve como principal representante Bobbit, que escreveu sobre o currículo em um momento no qual diversas forças políticas, econômicas e culturais procuravam envolver a educação de massas para garantir que sua ideologia fosse garantida. Bobbit tinha como proposta que a escola funcionasse como uma empresa comercial ou industrial (SILVA apud HORNBURG e SILVA, 2007).

O modelo que Bobbit propunha era baseado na teoria de administração econômica de Taylor e tinha como principal palavra ou mesmo palavra-chave a eficiência. O currículo era uma questão de organização e sucedia de forma mecânica e burocrática. A tarefa dos especialistas em currículo consistia em fazer um levantamento das habilidades, em desenvolver currículos que permitissem que essas habilidades fossem desenvolvidas e planejar e elaborar instrumentos de medição para dizer com precisão se elas foram aprendidas. Estas ideias influenciaram muito a educação até os anos de 1980 nos EUA e em muitos países como, por exemplo, o Brasil (HORNBURG e SILVA, 2007).

Ao propor que o desenvolvimento do currículo deve responder a quatro principais questões: que objetivos educacionais devem a escola procurar atingir; que experiências educacionais podem ser oferecidas que tenham probabilidade de alcançar esses propósitos; como organizar eficientemente essas experiências educacionais e como podemos ter certeza de que esses objetivos estão sendo alcançados, Ralph Tyler consolidou a teoria de Bobbit (SILVA apud HORNBURG e SILVA, 2007).

Determinou também Tyler, como identificar ou onde encontrar as respostas às perguntas por ele propostas para elaborar o currículo. Para ele, deveriam ser feitos estudos sobre os próprios aprendizes, sobre a vida contemporânea fora da educação, bem como obter sugestões dos especialistas das diversas disciplinas (SILVA apud HORNBURG e SILVA, 2007). Porém, para se realizar esse tipo de levantamento, as pessoas envolvidas deveriam respeitar a filosofia social e educacional com a qual a escola estivesse comprometida e a psicologia da aprendizagem (HORNBURG e SILVA, 2007).

Numa linha também tradicional, porém mais progressista, apresenta-se a teoria de Dewey, na qual aparecia mais a preocupação com a democracia do que com o funcionamento da economia (SILVA apud HORNBURG e SILVA, 2007). Essa teoria também dava importância aos interesses e às experiências das crianças e jovens. Seu ponto de vista estava mais direcionado à prática de princípios democráticos, sendo a escola um

local para estas vivências. Vale dizer que Dewey em sua teoria não demonstrava muita preocupação com a preparação para a vida ocupacional adulta (op. Cit, 2007).

Pode ser assim resumida: conteúdos, objetivos e ensino destes conteúdos de forma eficaz para ter a eficiência nos resultados; a questão principal das teorias tradicionais (HORNBURG e SILVA, 2007).

Currículo do Ensino Médio no Brasil

O sistema educacional Brasileiro tem passado por inúmeras mudanças nos últimos anos; mudanças necessárias em todos os níveis do currículo escolar, desde a educação infantil até a universidade. Isso porque as mudanças curriculares destinam-se a entender as características regionais e locais de uma sociedade, de cada cultura, de cada sistema de ensino ou estabelecimento escolar; em um conjunto de experiências e conhecimentos que a escola oferece aos estudantes. O currículo é a expressão dinâmica do conceito que a escola e o sistema de ensino têm sobre o desenvolvimento dos seus alunos e que se propõe a realizar com e para eles (SILVA, 2006).

O ensino médio no Brasil vem acompanhado de profundas transformações, sociais e políticas, com as consolidações do estado democrático às novas tecnologias e as mudanças nas produções de bens de serviço e conhecimento, que exigem cada vez mais que a escola possibilite aos alunos integrarem-se ao mundo contemporâneo nas dimensões fundamentais de cidadania e do trabalho. Desde que, o desenvolvimento econômico capitalista chegou ao Brasil por conta dos avanços industriais que aconteciam no mundo inteiro refletiu também na economia brasileira, tornando esta dependente do capitalismo internacional, o que exigiu do país uma reforma no campo educacional para atender a demanda do mercado capitalista.

A escola era estruturada para atender os anseios da burguesia, onde os filhos de proletariados e camponeses tinham um ensino voltado para atender as necessidades de mão-de-obra, ou seja, desenvolver os mecanismos dos alunos para a utilização dos maquinários da indústria. Entretanto para os filhos dos burgueses a educação tinha um caráter de formação específica, científica e política voltada para a continuação dos estudos para o saber intelectual.

Em 2004, através da LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação (LEI 9.394/96) junto com o Ministério da Educação (MEC), e por intermédio da Secretaria de Educação Média e Tecnológica, do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), junto com

professores e pesquisadores; formulou-se uma nova proposta de integrar o Ensino Médio com a educação profissionalizante, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos adquiridos na educação fundamental e desenvolver a compreensão e o domínio dos fundamentos para o trabalho, tecnológico e cultural, proporcionando a formação de um jovem crítico que possa lutar pelo seu espaço no mercado de trabalho e dar continuidade em seus estudos.

No Brasil estudos realizados pelo pesquisador Antônio Flávio Moreira, apresentaram uma nova concepção de currículo voltado para atender as necessidades e exigências tecnológicas frente as questões culturais presentes na estrutura escola, ou seja, valorizar questões do cotidiano, tradicionais, sociais do aluno capaz de formá-lo crítico e reflexível no meio social.

Toda essa reforma curricular que a educação vem passando, reflete numa modificação da identidade do Ensino Médio mais especificamente, por este ser etapa final da educação básica, terá como meta traçar um perfil de aluno apto para a formação continuada, cidadã e profissional frente às necessidades do mundo contemporâneo. Com a atual reforma proposta pela LDB, os métodos de ensino serão constituídos pedagogicamente com base em um currículo diversificado e flexível capaz de atender as demandas de uma sociedade. A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação e aperfeiçoamento posteriores (LDB Art. 35, p. 56).

No Brasil e mais especificamente no Pará, temos o ensino técnico o IFPA (Instituto Federal do Pará) antigo CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), onde estabelece um ensino focalizado no trabalho produtivo; formando o aluno apto para o mercado de trabalho; uma educação profissional integrada à Educação Básica, desenvolvendo como metodologia de trabalho, ciência, tecnologia e cultura como categorias indispensáveis da formação humana integral; o trabalho e a pesquisa como princípios educativos que leva o aluno à associar o que aprendeu no instituto com o contexto da região; cursos como, por exemplo, de Aquicultura trabalha com o estudo e tratamento de peixes e outros crustáceos, uma vez que a região é rodeada de ilhas e rios.

Isso nos leva a concluir, que o currículo deve ser voltado para atender às necessidades de uma determinada sociedade, de forma igualitária, formando o aluno não só para o mercado de trabalho, mais também para a vida em sociedade fazendo a relação entre

os conhecimentos adquiridos dentro da sala de aula com o contexto social que este está inserido.

Currículo e escola

Levando em consideração o sentido etimológico da palavra currículo, a qual vem do termo latim *curriculum*, expressa movimento progressivo, o andamento de uma corrida de bigas, uma estrada a ser percorrida, pode-se dizer que não houve profundas alterações até hoje, porém não se pode deixar de considerar as importantes variações que surgiram no vocabulário, no uso e na apropriação do mesmo pelo vocabulário pedagógico (SCHIMIDT, 2003).

Pode-se listar até 50 definições de currículo exposto pela literatura, o que mostra o quanto as concepções são variadas e diferentes no seu significado e funções, dando a ideia de que não existe uma definição certa, a mais reconhecida, a mais atual, já que ao se decidir por uma delas, se está definindo por uma determinada concepção, que inclui compromissos sociais e políticos. Ao analisar as definições da literatura corrente, pode-se classificá-las e entendê-las, seguindo o modelo de Pedra (1992), as quais são vistas desta forma, como mostra a tabela abaixo (SCHIMIDT, 2003)⁴:

Ora como resultados esperados.	Exemplo: Currículo é uma série estruturada de resultados buscados na aprendizagem.
Ora como conjunto de experiências sob o comando da escola.	Exemplo: Currículo são todas as experiências que os estudantes desenvolvem sob a tutela da escola.
Ora como princípios essenciais de uma proposta educativa.	O currículo é um intento de comunicar os princípios essenciais de uma proposta educativa de tal forma que não fique aberta ao exame crítico e possa ser traduzida efetivamente para a prática.

A formação humana resulta tanto de processos informais quanto de processos intencionais e planejados, como por exemplo, a escola. Largamente, a organização do trabalho tem se pautado, na escola, pela produção da razão instrumental que constitui, na escolarização, o privilégio de sua dimensão conservadora e conformadora. Tal movimento

⁴ Tabela 1: Definições da literatura corrente.

implica em que a afirmação da dimensão estrutural da razão significa a negação de sua dimensão emancipatória (SILVA, 2008).

A organização da escola é racionalizada e faz parte da lógica do capital, onde o controle da minoria sobre a maioria gera intensos conflitos, já que quanto mais for racionalizada a organização escolar, mais o professor perderá o controle de seu próprio trabalho e mais se transformará em um simples executor (SANTOS apud SCHIMIDT, 2003).

A prática pedagógica dessa escola ocorre de uma forma acrítica, não criativa, mecanizada, onde os instrumentos utilizados levam a uma separação entre: o pensar e o fazer, a concepção e a execução; visando a racionalidade, a eficácia e a produtividade, abandonando as questões referentes aos fundamentos do currículo (SCHIMIDT, 2003).

Ensino Médio: planejamento como estratégia cultural.

Apesar de ser criado pela LDB um currículo escolar voltado para a educação profissional e cultural do aluno, percebemos que em muitas escolas públicas e privadas o ensino ainda é tradicional, pautado em princípios controladores de conteúdo, de fórmulas, de conhecimento que reprime tanto o trabalho docente quanto ações que poderiam ser desenvolvidas pelos alunos. De forma, a não formar sujeitos críticos e autônomos, ou uma sala de aula mais democrática e cidadã libertadora daquele ensino tecnicista voltado apenas para o lucro e não para o saber intelectual do aluno.

O ato de planejar apresenta também um contexto histórico. A economia capitalista foi a primeira a fazer planos antes de agir, ou seja, com o crescimento econômico, precisou-se desenvolver planejamento dos custos e lucros de uma determinada empresa. Logo após, surgiu o setor industrial com as mesmas necessidades; porém, com a nova organização do trabalho, buscou-se um planejamento capaz de organizar de forma eficaz e eficiente os custos das fábricas.

Mais tarde dentro das escolas, também foi proposto planejar intervenções que ajudassem a ser trabalhadas questões de ensino, método, avaliação, etc. Hoje, o planejamento deveria ser formulado com base no currículo voltado para a sociedade que aquele aluno está inserido.

Para Corazza (apud Moreira, 1997), planejar exige uma ação pedagógica política cultural, de ordem ética, que implica respeito e responsabilidade para com esta nossa ação e para com os sujeitos dela integrantes, seus grupos sociais e suas culturas.

Planejar o ensino baseado em organizar e relacionar o currículo com temas culturais requer trazer para dentro da sala de aula, o conhecimento empírico subjugado pelo aluno; abordando questões relativas à gêneros, classes, religião, cultura, vocabulário, saberes estes, muitas vezes esquecidos por parte da instituição escolar. Ao distribuí-los, temos a certeza de contar com a capacidade de nossos mestres e com o seu empenho no aperfeiçoamento da prática educativa. Por isso, entendemos sua construção como um processo contínuo: tanto na prática do professor como no processo contínuo de aprendizagem dos alunos em revê-los e aperfeiçoá-los.

Para isso, o professor aparece como peça fundamental para a construção desse processo, com objetivo de orientar a formação do aluno/profissionais para uma visão que englobe o ensino da técnica, incorporado aspectos que possam contribuir não só para o desenvolvimento econômico, mais para a relação com o meio ambiente.

Para Freire (1996), a experiência educativa é o que se diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho (...). A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mais, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade e um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.

Socialmente, a identidade do Ensino Médio está condicionada à incorporação das necessidades locais, características dos alunos, e sem deixar de citar com a participação dos professores num trabalho conjunto com as famílias na configuração do que é adequado a cada escola.

Um exemplo, de que as escolas devem assumir como compromisso a reforma curricular como forma de adequação dos alunos ao meio social, está no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) é visto como um exame que apresenta um grau de dificuldade muito grande por boa parte dos alunos que vivem principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país devido apresentar um conteúdo, muitas vezes distante do que é vivido em

muitas regiões. Embora haja a intenção explícita de associar e relacionar conteúdos, as provas reeditam os paradigmas disciplinares e padronizam a diversidade; isso ocorre porque as matrizes curriculares desse exame são disciplinares, ou seja, o aluno tem que está apto a conhecer as características e cultura de outras regiões. Mas como um aluno do Ensino Médio, que vive no interior da região norte, nas Ilhas, por exemplo, onde não se têm acesso aos meios de comunicação, livros e a outras informações onde só conhecem os limites de sua região e adequa suas necessidades ao meio em que vivem, poderá realizar com êxito um “provão” onde prioriza um ensino baseado nas regiões do sul do país?

Num trabalho conjunto com educadores de todo o país, entidades educacionais e Universidades chegou-se a uma reforma curricular do Ensino Médio, onde o aluno é visto como elemento fundamental para a construção de uma sociedade. Uma política curricular entendida como expressão de uma política cultural, na medida em que selecionam conteúdos e práticas de uma dada cultura para serem trabalhados e revistos no interior escolar.

Junto a essa nova exigência para o ensino médio, os governos federais, estaduais e municipais, depararam-se com um quadro preocupante dentro da esfera do ensino. Trata-se da falta de quadro de professores efetivos e de domínio da educação profissional. Com a expansão da oferta do ensino médio integrado, cujos cursos terão duração, em sua grande maioria, de quatro anos, é fundamental (re) constituir esses quadros efetivos, uma vez que não se poderá trabalhar nessa perspectiva curricular com professores contratados precariamente/temporariamente. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007).

Essa preocupação é denominada como uma das fragilidades em decorrência do ensino médio integrado; logo faz-se necessário que os professores que já encontram-se em exercício e os que ainda irão exercer a profissão, que construa seu currículo como base nessa nova exigência de educação profissional e tecnológica. Para isso, seria necessário que houvesse para os professores, espaço para a formação continuada dos mesmos, além de oportunidades para que eles possam estar fazendo cursos ofertados pelo Ministério da Educação para estarem reformulando suas práticas docente e poderem futuramente atuar de forma a estar contribuindo significativamente para a educação do seu município.

Uma vez que a maior parte das escolas públicas vive um dualismo entre a escola preparatória para o vestibular e a escola para o trabalho. Partindo de uma política

centralizadora, que igualasse qualidade a um padrão previamente estabelecido oficialmente, segundo o qual todos serão avaliados. No Pará 90 mil jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola. Será que o espaço escolar está sendo um lugar democrático, de inclusão e de produção de conhecimento? (CORTI e SOUZA, 2009).

No Brasil tem-se um ensino descontextualizado, baseado numa teoria tradicional imposta no acúmulo de informação. Ao contrário disso, buscou-se desenvolver com os demais países da América Latina, promover reformas na área educacional que permitem superar o quadro de extrema desvantagem em relação aos índices de escolarização e de nível de desenvolvimento que apresentam os países desenvolvidos.

Como mostra uma pesquisa quantitativa feita com 880 estudantes todos de escolas públicas do Brasil revela o desafio que o Ensino Médio enfrenta com as altas taxas de reprovação, e principalmente, de evasão escolar. Em 2005 apenas 73,2% dos alunos foram aprovados, 11,5% foram reprovados e 15,3% evadiram.

Pode não parecer mais esses são dados alarmantes na área educacional. No ano de 2006 havia 8.906.820 jovens matriculados no ensino médio, 5.090.310 no período diurno e 3.816.510 no noturno, o equivalente a 44,8% das matrículas, segundo dados do MEC/INEP (Que Ensino Médio Queremos, 2007).

Isso mostra que a educação básica no Brasil, apesar do esforço ocorrido nas últimas décadas e os progressos obtidos na expansão dos diversos níveis de ensino, encontra-se com um quadro de elevada desigualdade educacional e uma situação precária em relação à permanência e a aprendizagem dos estudantes. Particularmente, os adolescentes de 15 a 17 anos apresentam uma difícil situação no processo de escolarização e a etapa do ensino médio ainda distante da universalização, além de uma discutível qualidade e da falta de definição de sua identidade educacional (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2009).

Conclusão

Nas primeiras teorizações sobre o currículo, este teve papel puramente burocrático e mecânico, com questões relacionadas a procedimentos, técnicas e métodos, comparando a escola a uma empresa (HORNBERG e SILVA, 2007).

A compreensão das teorias sobre currículo se faz importante para compreender-se a história e os interesses que envolvem a construção dos mesmos, para se perceber com olhar mais crítico

nos currículos, o que eles trazem e fazem e em que precisam mudar. Por isso buscou-se mostrar no presente artigo os conceitos de currículo, as teorias tradicionais que estão na atualidade das escolas, bem como alguns autores que foram os pioneiros nessa questão.

Vale ressaltar que conceituação de currículo são produções humanas que estão marcadas pelas opções valorativas do homem, as quais são realizadas em cada tempo e lugar, construindo a concepção curricular em vigor (SCHIMIDT, 2003). Já a educação é o processo que se realiza nos mais diferentes espaços, e na sociedade atual, a escola se tornou lugar privilegiado de concretização do processo educativo (SILVA, 2008).

A constituição brasileira determina em seu artigo 205 que “A educação, é direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. No final da década de 90, medidas foram elaboradas para uma elaboração curricular para o ensino médio no Brasil, porém, percebemos que o ensino ainda é muito esquecido por parte dos nossos representantes. Nos interiores percebemos a maior parte desses descasos. O ensino médio tem uma função estratégica para a construção de uma nação, de modo a envolver os aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos como condição para uma relação soberana e não subalternas às demais nações. Além disso, trata-se porém, de concebê-lo como direito subjetivo de todo o espaço social de organização e produção dos conhecimentos produzidos pela humanidade.

Assim, entende-se que para o ensino médio ser efetivamente, uma etapa importantíssima da educação básica, deve ser feita uma nova abordagem em seus aspectos fomentadores, preconizar a importância de compreender as dificuldades vivenciadas pelos alunos no processo de aprendizagem, vislumbrando a propagação do conhecimento para a sociedade na qual se insere, possibilitando que cada sujeito conheça sua própria identidade e, assim, consiga trilhar um caminho apropriado e seguro na busca do saber.

Referencias Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **INEP. Censo Educacional** – 2005. Brasília, 2005.

CARDOSO, Maria José Pires Barros. **Ensino Médio integrado à educação profissional: limites e possibilidades.** Disponível em:

<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT09-3976--Int.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2012.

CORTI, Ana Paula & SOUZA, Raquel. **Que Ensino Médio queremos?** Pesquisa quantitativa e grupos de diálogo sobre ensino médio. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOMBURG, Nice; SILVA, Rubia da. Teorias sobre currículo: uma análise para compreensão e mudança. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG.** Vol.3 n.10. jan-jun/2007.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. **Currículo: questões atuais.** Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 103-143.

MOREIRA, A. F. B. **Currículo e programas no Brasil.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1990.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Para quem e como se escreve no campo do currículo? Notas para discussão. **Revista Portuguesa de Educação**, 2001, 14(1). p. 73-93.

PARÁ, Secretária do Estado de Educação – Diretoria de Ensino Médio e Educação profissional. **Desafio na construção do ensino médio integrado no estado do Pará: Diretrizes para um programa de ação.** Belém- Pará, 2008.

PAVAN, Ruth. Currículo, formas de controle e produção das fronteiras da inclusão/exclusão. **CONTRAPONTO** – Volume 9. n° 1. Itajaí, jan/abr 2009. p. 17-29.

SCHIMIDT, Elizabeth Silveira. Currículo: uma abordagem conceitual e histórica. Publ. UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., **Letras e Artes**, Ponta Grossa, 11 (1). jun. 2003. p. 59-69.

SILVA, Monica Ribeiro da. Teoria curricular e teoria crítica da sociedade: elementos para (re)pensar a escola. **InerMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, n.28. jul./dez. 2008. p. 88-101.